

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E

DESIGN DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FLORA VIEIRA DA SILVA AMORIM

RÁDIO METAMORFOSE:

Um podcast narrativo sobre a troca de dial no Brasil

BAURU

2025

FLORA VIEIRA DA SILVA AMORIM

RÁDIO METAMORFOSE:
Um podcast narrativo sobre a troca de *dial* no Brasil

Relatório do Projeto Experimental do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profª. Dra. Karina Woehl de Farias

BAURU
2025

A524r

Amorim, Flora Vieira da Silva

Rádio metamorfose : um podcast narrativo sobre a troca de dial no Brasil / Flora Vieira da Silva Amorim. -- Bauru, 2025
40 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Jornalismo) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Karina Woehl de Farias

1. Rádio. 2. Migração AM-FM. 3. Podcast. 4. Educação. 5. Podcast
narrativo. I. Título.

FLORA VIEIRA DA SILVA AMORIM

RÁDIO METAMORFOSE:
Um podcast narrativo sobre a troca de dial no Brasil

Relatório do Projeto Experimental do Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da UNESP, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Karina Woehl de Farias
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Profa. Dra. Aline Cristina Camargo
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Ma. Paula Chrystina Scarpin Gonçalves
Rádio Novelo Produções LTDA

Bauru, 27 de junho de 2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer à minha orientadora. Agradecer pela parceria e amizade que construímos desde 2023 e que deu tantos frutos até aqui, por todo o apoio e ajuda nas minhas inseguranças e ideias malucas tanto na IC quanto no TCC, e por ser essa pessoa sensível, cuidadosa e preocupada com seus alunos. Nós duas vamos ter um merecido descanso depois disso tudo. A minha graduação, a minha IC e meu TCC não teriam sido o que foram se não fosse pela sua ajuda e apoio durante todo o processo! Não vejo a hora de compartilhar com você todas as minhas conquistas profissionais a partir do fim da graduação. Você pode ter certeza que, sem você, eu não seria tão fã de estudar (e trabalhar) com rádio. Obrigada, Kaki!

Gostaria também de agradecer ao maior presente que a graduação me deu, os meus amigos Larissa, Íris, Nathan e Giovanna. Sem as sessões de RPG todo mês (sem Sagishi, Mia, Joca e Aurora), sem o apoio de vocês durante meus tempos de crise e sem o conforto que vocês me dão ao me mostrarem todos os dias que eu sou sim, uma pessoa valiosa, uma profissional decente e uma boa amiga... bom, seria muito diferente se eu fosse obrigada a passar toda a graduação sozinha, como eu achava que seria lá no começo - se não fosse por um zap me chamando pra jogar RPG de mesa numa tarde qualquer. Um agradecimento especial à Lari, que não só faz tudo isso que eu descrevi, mas ainda me levou de carona numa ambulância quando meu coração resolveu surtar em abril de 2024. Eu coloquei - e colocaria, de novo - a minha vida nas suas mãos, amiga. Muito, muito obrigada por serem quem vocês são - além de ótimos amigos - também ótimas pessoas e profissionais!

Também agradeço ao meu cachorro, o Pascoal, que não faz ideia das vezes que ele sem querer salvou a minha vida. Sem esse bichinho, eu seria outra pessoa. Ele me ensinou a amar com mais cuidado, a ser paciente e, principalmente, que sair pra tomar um sol todo dia é importante e faz bem pra saúde. Te amo, seu bocó!

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha psicóloga, Aryádna Raspante. Se não fosse a insistência e o carinho dela, eu não sairia dessa graduação tão diferente de quando entrei, tão mais forte - e tão mais capaz de enfrentar minha vida profissional. Um agradecimento especial à Paula Scarpin, por ter confiado e acreditado em mim, e me acolhido de forma tão sensível nos finais dessa graduação. Sem ela e sem a Novelo, eu duvido que ia gostar tanto de ouvir podcast. Trabalhar com quem a gente admira é uma delícia, obrigada!

Os três episódios do podcast *Rádio Metamorfose*, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso, podem ser acessados por meio do link abaixo:

<https://open.spotify.com/show/5sPTOLw4hKAY4wORA7508F?si=5280b57c3a594952>

RESUMO

Este relatório detalha o processo de produção do produto *Rádio Metamorfose*. Produzido em formato de podcast narrativo, o programa tem como objetivo a divulgação, em linguagem acessível, do processo de troca de *dial* no rádio brasileiro. Dividido em três episódios, a *Rádio Metamorfose* primeiramente contextualiza o processo de Migração AM-FM no Brasil, em seguida expõe as perspectivas do empresariado e do governo, discutindo sua implementação a partir da criação do FM Estendido, e, por fim, aponta para os novos caminhos possíveis dentro da mídia sonora. Por tratar-se de um tema pouco conhecido para o público geral, enxergou-se a possibilidade de uma produção em linguagem narrativo-literária, em busca de atrair pessoas de fora do meio acadêmico para o descobrimento dessa temática. A linguagem e o formato escolhidos contribuíram para uma duração enxuta, ideal para um tema relativamente novo e nichado na cobertura jornalística. Para alcançar esses objetivos, foram feitas entrevistas com pesquisadoras, engenheiros e jornalistas especializados no tema, além de pesquisas em artigos científicos produzidos por elas e seus pares.

Palavras-Chave: podcast narrativo, migração AM-FM, rádio, mídia sonora, divulgação científica

ABSTRACT

This report details the production process of the Rádio Metamorfose product. Produced in a narrative podcast format, the program aims to disseminate, in accessible language, the process of dial switching in Brazilian radio. Divided into three episodes, Rádio Metamorfose first contextualizes the AM-FM Migration process in Brazil, then exposes the government and business perspectives on the matter while discussing the migration's implementation via the creation of the Extended FM, and finally points to the new paths possible within the sound media since the emergence of the internet. As the topic is little known to the general public, a possibility was seen to produce it in narrative-literary language, with the aim of attracting people from outside academia to discover this subject. The language and format chosen contributed to a short duration, ideal for a relatively new and niche topic in journalistic coverage. To achieve these objectives, interviews were conducted with researchers, engineers and journalists specializing in the subject, as well as research into scientific articles produced by them and their scientist peers.

Keywords: storytelling podcast, AM-FM migration, radio, sound media, scientific dissemination.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 GÊNERO E FORMATO.....	11
2.1 Gênero.....	11
2.2 Formato.....	12
3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	15
3.1 Pré-produção.....	15
3.2. Produção.....	15
3.3 Pós-produção.....	16
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	18
4.1 Público de interesse.....	18
4.2 Conteúdo.....	19
4.3 Custos de execução.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
ENTREVISTAS.....	24
APÊNDICES.....	25

1 INTRODUÇÃO

Este relatório detalha os aspectos de elaboração da *Rádio Metamorfose*, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido durante o primeiro semestre de 2025. Produzido como um *podcast narrativo*, o projeto explora as transformações que atingiram o rádio brasileiro durante o século XXI, com ênfase na troca do *dial* das emissoras, que em grande parte operavam em Amplitude Modulada (AM) e, desde 2016, passam pelo processo de migração para a Frequência Modulada (FM). O programa é dividido em episódios: um primeiro que contextualiza a existência das duas formas de transmissão, um segundo que explica o processo de migração e um terceiro, que aborda as transformações nas rádios causadas principalmente pela internet e o surgimento das redes sociais.

A Migração AM-FM acontece como um plano traçado desde antes de 2013, quando ela foi aprovada por meio de um decreto presidencial. O plano era fazer com que as rádios AM - que perdiam cada vez mais sua viabilidade comercial - migrassem para o FM, uma frequência mais limpa de ruídos e que atraía muito mais anunciantes nas emissoras que já operavam nesse modelo. Por meio da viabilização do FM estendido, que ampliou a quantidade de emissoras possíveis de se instalarem neste novo *dial*, a Migração AM-FM permitiu que rádios à beira da falência encontrassem uma sobrevida, garantindo não só sua sobrevivência comercial, mas também a sobrevivência de seu conteúdo - diminuindo a possibilidade do aumento em escala nacional dos chamados “desertos de notícia”, por exemplo.

Considerando que este é um tema pouco discutido em ambientes alheios ao universitário, este trabalho propõe apresentar uma alternativa que visa torná-lo mais palatável e acessível para o público de fora da universidade. Busca-se apresentar e desvendar a temática de maneira a aproximar todas essas transformações da mídia sonora no Brasil ao dia a dia dos ouvintes, indicando na prática as consequências dessas transformações. Este projeto procura mediar a relevância jornalística, principalmente da troca do *dial*, para um público pouco familiarizado com o ambiente do ensino superior, demonstrando a importância do fenômeno no cotidiano do público em geral.

A ideia surgiu da produção de um projeto de Iniciação Científica (IC), realizado por mim desde o segundo semestre de 2024 e orientado pela professora Karina Woehl de Farias, que também orienta este TCC. A Iniciação Científica naturalmente se desdobra sobre o tema de forma bastante específica, buscando desvendar apenas um aspecto desse processo. Por

outro lado, o TCC busca ser mais generalista e objetivo, introduzindo o tema para aqueles que pouco o conhecem. Além disso, a produção de um produto sonoro também diferencia as duas pesquisas. Consideramos o tema necessário à medida que impacta, por exemplo, o jornalismo local (Farias, 2020) - afetando a forma como a informação é consumida e recebida pelo ouvinte. Por isso, identificou-se a necessidade de adaptar o trabalho realizado na Iniciação Científica para um podcast capaz de servir como material de divulgação científica e ao mesmo tempo informar sobre as transformações no rádio brasileiro e suas consequências.

A escolha pela realização de um podcast vem do meu interesse pessoal sobre o formato. A vontade de trabalhar com a mídia sonora surge diante do consumo recorrente de podcasts que fazem uso do elemento narrativo, que ao meu ver, atraem o ouvinte por sua linguagem literária característica e sua forma pouco convencional de expor eventos, fatos e informações relevantes. A autora Luana Viana (2021) define *podcast narrativo* como o tipo de podcast cujas principais características são a humanização de fontes, a condução emocional da história e a descrição de cenários.

São exemplos de podcasts narrativos o *Rádio Novelo Apresenta, Projeto Querino, Retrato Narrado*, produzidos pela produtora Rádio Novelo, *A Mulher da Casa Abandonada*, produzido pela Folha, *Pico dos Marins*, um original Globoplay, e por aí vai. Além disso, também consideramos que a escolha pelo modelo de podcast narrativo pode ser um diferencial para o projeto, permitindo trabalhar com uma linguagem diferente e mais atraente para o público, alcançando, assim, um maior número de pessoas.

O principal objetivo deste projeto é o de divulgar o processo de troca de *dial* na rádio brasileira, com linguagem e formato que despertem o interesse do público para o tema. Além disso, buscou-se, durante a sua elaboração, detalhar a Migração AM-FM e discutir os seus efeitos no mercado radiofônico do Brasil, além de expor as diferentes perspectivas adjacentes à temática: do Governo Federal, do empresariado e de pesquisadores da área.

A primeira parte deste relatório discute os gêneros e o formato da proposta. Em seguida, é relatada sua metodologia de execução, expondo em detalhes como se deu o processo de produção da *Rádio Metamorfose*. Além disso, também está presente neste relatório a descrição do produto, detalhando seu conteúdo, seu público de interesse e seus custos de produção. Por fim, nas considerações finais, são discutidas as dificuldades e os resultados obtidos com a realização do Trabalho de Conclusão de Curso. Ao final, o roteiro dos três episódios está disponível nos apêndices.

2 GÊNERO E FORMATO

Este capítulo abarca as justificativas teóricas da utilização dos gêneros interpretativo e literário na escrita do roteiro do projeto, além da escolha pelo formato de *podcast narrativo* para a elaboração do trabalho como um todo.

2.1 Gênero

Tanto o gênero interpretativo, proposto por Marques de Melo (2016), quanto o gênero literário, proposto por Felipe Pena (2006), abarcam características importantes e utilizadas durante o desenvolvimento deste trabalho. Considera-se adequado, portanto, o uso de ambas as definições para descrever a linguagem utilizada no TCC.

2.1.1 Interpretativo

A classificação de gêneros jornalísticos mais comumente utilizada atualmente foi resultado de pesquisa realizada por José Marques de Melo, e postulada por meio da observação empírica do jornalismo brasileiro entre 2002 e 2007 (Marques de Melo, 2009). O autor sugere uma classificação dividida em jornalismo *informativo*, *opinativo*, *interpretativo* e *diversional*. Para este projeto, o gênero trazido, levando em consideração o proposto por Marques de Melo, é o gênero *interpretativo*. Para Marques de Melo, a definição de um gênero jornalístico passa por entender não somente sua capacidade de agrupamento de diferentes formatos e linguagens num único elemento, mas também sua *função social*. O autor (2016) define a função social do gênero interpretativo como sendo, primariamente, a de educação e esclarecimento.

O professor Paulo Celso Campos (2009) destaca que este gênero prioriza a “contextualização histórica, o entorno do fato, os detalhes do acontecido ou declarado, para ir além do meramente declaratório”. Outra característica relevante do gênero interpretativo está na entrevista de diversas fontes diferentes e na apresentação das ideias que cercam um tema, por mais que antagônicas. Além disso, Campos também destaca, no jornalismo interpretativo, a possibilidade de tratar do futuro, mas não através de futurologia irresponsável (CAMPOS, P, C. 2009), mas possibilitada pela análise de contexto e relacionamento com as fontes entrevistadas.

O formato mais comum estabelecido neste gênero, no jornalismo impresso e digital, é a reportagem. Das que melhor fazem uso desta definição, é possível citar as reportagens da *Revista Piauí*, e as produzidas sob o selo *Uol Prime*, do jornal UOL. Na mídia sonora, é possível citar programas como *O Assunto*, do G1 - conduzido pela jornalista Natuza Nery - e o podcast *Café da Manhã* - da Folha de São Paulo, que por meio de entrevistas com uma ou duas fontes por episódio buscam aprofundar um tema relevante - adicionando contexto e uma análise conjuntural - da semana ou do dia.

2.1.2 Jornalismo Literário e a Estrela de Sete Pontas

Entendendo o jornalismo literário como um gênero jornalístico, Pena organiza e estrutura suas características por meio da imagem de uma estrela de sete pontas, em que ele pontua suas características fundamentais. São elas: Potencializar os recursos do jornalismo; Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano; Proporcionar uma visão ampla da realidade; Exercitar a cidadania; Romper com as correntes do *lead*; Evitar basear-se apenas em fontes oficiais e a Perenidade (Pena, 2006).

A primeira, a segunda e a terceira ponta dizem respeito à prática jornalística, entendendo que o jornalista que se aventurar neste gênero deve utilizar seus conhecimentos anteriores para desenvolver algo novo, que não esteja limitado a elementos como a periodicidade e atualidade e que seja contextualizado da forma mais abrangente possível, sem ignorar a presença de recortes. A quarta ponta diz respeito ao que o autor chama de *espírito público* na escolha da temática, garantindo que ela tenha função social e cidadã. A quinta ponta leva a um entendimento estilístico mais livre no desenvolvimento da pauta, evitando um engessamento representado pelo formato em *lead* da escrita jornalística padrão. A sexta vai na direção de prezar pela diversidade das fontes, enquanto a sétima garante que uma produção desenvolvida nesses moldes poderá ser perene, ou seja, não estar limitada a um período específico do tempo - podendo ser acessada meses depois de produzida, por exemplo.

Entende-se a definição de Pena interessante a este trabalho, considerando que - durante sua duração - o programa *Rádio Metamorfose* apresenta contextualização aprofundada e temática de relevância social e política (para além de acadêmica). A liberdade estilística foi também adotada durante o desenvolvimento deste trabalho, justificando sua adequação ao gênero explorado e definido por Felipe Pena.

2.3 Formato

Em seu livro *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*, Marcelo Kischinhevsky elabora o que chama de rádio expandido, que nada mais é do que a constatação de que o meio radiofônico, a partir do século XXI, passou por mudanças que não mais se limitariam às ondas hertzianas. Isso significa levar em consideração, por exemplo, que o rádio hoje está disponível em diversas plataformas - não mais só no radinho do carro ou no tocador de CD - mas também em plataformas como a própria internet, disponíveis para ser consumidas online (Kischinhevsky, 2016). Outra característica do rádio expandido, segundo o autor, é a possibilidade de ouvir conteúdos gravados, ou seja, não mais no ao vivo. E isso inclui o *podcast* - a modalidade escolhida para esse trabalho. A definição que Kischinhevsky dá ao conceito é a seguinte:

[...] modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras. Isso porque, uma vez cadastrado o endereço de determinado podcast, o programa agregador baixa para o computador do internauta o arquivo desejado automaticamente e, a partir daí, cada indivíduo decide quando e onde vai ouvi-lo, podendo transferir o episódio, telefone celular, microcomputador, notebook ou, mais recentemente, tablet. Na prática, nem é preciso baixar um podcast para ouvi-lo. Basta clicar no player e escutá-lo on-line (Kischinhevsky, 2017, p.77).

Tiziano Bonini (2015), ao fazer uma trajetória histórica do surgimento do *podcast*, atribui seu início para 2004, em que os podcast eram baixados via web mas também veiculados em ondas hertzianas. É o caso de *This American Life* (2024), também citado pelo autor, do jornalista norte-americano Ira Glass, no ar desde 1995. Atualmente, além de disponíveis em diversas plataformas de áudio como o *Spotify* e o *Apple Podcasts*, o programa também atua em parceria com a *WBEZ Chicago*, uma rádio educacional pública sediada na frequência 91.5FM em Chicago, Illinois.

O programa de Ira Glass funciona como uma espécie de *jornalismo literário* veiculado por meio da mídia sonora, estabelecendo-se, segundo o próprio site do programa, em tradução livre, como um “tipo de jornalismo divertido, que é construído em volta de um *enredo*. Em outras palavras, histórias! São como pequenos filmes para a rádio” (*This American Life*, 2025). Kischinhevsky (2017) aponta que o jornalismo narrativo, na rádio, se manifesta com características específicas, “como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos –afeto, medo, raiva – e sensações – suspense, alegria. A linguagem se aproxima da contação de histórias”.

Outra característica relevante para o formato de podcast narrativo é a *imersão*. Segundo Luana Viana (2021), a imersão é possível de duas formas, tanto na *produção* quanto

no *consumo*. Na produção, a imersão se manifesta com apurações aprofundadas, geralmente levando o jornalista a vivenciar as experiências narradas. A forma mais comum, porém - e a utilizada no produto *Rádio Metamorfose* - é a imersão por meio do consumo, que refere-se, segundo Viana, “à materialização da narrativa em formatos imersivos enquanto o público vivencia o narrado por meio da experiência particular, [...] em que a narrativa jornalística pode proporcionar uma relação diferente entre usuário e informação”. Outras características do *podcast narrativo* apontadas por Viana são a humanização das fontes, a condução emocional da história, a descrição de cenas e o uso da narração em primeira pessoa pelo próprio jornalista - e todas elas têm como principal objetivo aproximar o ouvinte da história a ser contada.

As características apontadas por Kischinhevsky (2017) e Viana (2021) também aparecem na veiculação de reportagens em podcasts narrativos brasileiros, como a mini-série em áudio *Praia dos Ossos* e o podcast *Rádio Novelo Apresenta*, ambos criados pela produtora de podcasts Rádio Novelo, sediada no Rio de Janeiro. Além da linguagem, os programas alcançam a evocação de sentimentos e sensações não só através da trilha sonora, mas também na adição de efeitos sonoros que buscam emular um ambiente específico.

O Trabalho de Conclusão de Curso proposto neste relatório utiliza o formato de *podcast narrativo*, que mistura o uso da mídia sonora com a linguagem literária descrita por Pena (2006) no tópico anterior. É necessário pontuar, porém, que muitas das definições, como a de Kischinhevsky (2017) e Bonini (2015), consideram o podcast uma produção *serializada*. A *Rádio Metamorfose*, porém, foi finalizada em três episódios a serem lançados ao mesmo tempo nas plataformas digitais, e trata-se de um produto único e sem continuação programada. Apesar deste pequeno detalhe, considera-se podcast narrativo o formato ideal.

3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

3.1 Pré-produção

Entre outubro e novembro de 2024 foi definido que o tema seria uma extensão da pesquisa realizada na Iniciação Científica, que estuda as redes musicais e as adaptações no radiojornalismo brasileiro na Migração do AM-FM. Esta pesquisa foi viabilizada a partir de uma bolsa de estudos, concedida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, na modalidade *PIBIC Reitoria*. A ideia de fazer um podcast narrativo surgiu após a Semana de Jornalismo da Unesp, em 2024, da qual fui responsável por apresentar e guiar a mesa sobre jornalismo literário ministrada pelas diretoras da Rádio Novelo, Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux. Ouvi-las falar me fez perceber que eu também tinha muito interesse em trabalhar com este gênero, que como diz o próprio Felipe Pena (2006), garante maior liberdade ao jornalista e o liberta do *lead*.

Após a escolha do tema e do formato, com o auxílio da orientadora, definiram-se as pessoas a serem entrevistadas. Inicialmente, as fontes deveriam variar entre representantes do Governo Federal, da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), e da Associação de Emissoras de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo (AESP). Além disso, uma das peças centrais da elaboração do *podcast* seriam as pesquisadoras Nair Prata e Nelia Del Bianco, duas das grandes responsáveis pela pesquisa acadêmica sobre a migração AM-FM no país. Durante o período de pré-produção também ficou definido que o programa seria dividido em três partes, tratando da própria migração, suas causas e suas consequências.

Antes de estabelecer contato com as possíveis fontes, foi montada uma lista de nomes acompanhada das possíveis contribuições para o trabalho, e uma lista de perguntas para cada uma delas - levando em consideração seus níveis de envolvimento com o tema e conhecimento do assunto a ser abordado. Também foi realizada uma apuração inicial no assunto, utilizando os artigos já trabalhados durante a Iniciação Científica. O conhecimento prévio do tema foi de grande ajuda durante a pré-produção, permitindo procurar de forma mais direcionada as fontes e informações a serem utilizadas na elaboração do roteiro do projeto.

3.2 Produção

O primeiro passo da produção foi o contato com as fontes e definição de datas para

cada uma das entrevistas, entre fevereiro e março de 2025. De início, das entrevistas contactadas, recebi respostas positivas de ambas as pesquisadoras, Nair Prata e Nelía Del Bianco, além do representante da AESP, o engenheiro Eduardo Cappia. O panorama traçado pelo trio de entrevistados fez o trabalho passar por pequenas mudanças de rota, principalmente no que diz respeito ao conteúdo do terceiro episódio: enquanto, antes, a ideia era tratar das consequências da migração AM-FM, definiu-se que haveria um maior aproveitamento do tema se o episódio tratasse da *internet* como outro ponto de grande importância para o futuro do meio sonoro. Além disso, a entrevista com Cappia fez surgir um novo nome, André Cintra - uma das fontes posteriormente utilizadas para este trabalho.

Outro nome importante durante a realização do trabalho foi o do pesquisador Octavio Penna Pieranti, que já trabalhou para o Ministério das Comunicações, o que permitiu ter uma visão ampla da participação do Governo Federal no processo de troca do *dial*. Em seguida, definiram-se novos nomes - a pesquisadora Magaly Prado - pesquisadora em mídia sonora em *podcasts* - e o jornalista Daniel Starck, proprietário e fundador do tudoradio.com, site que congrega todas rádios do país e realiza uma cobertura extensa da migração desde que ela se iniciou em 2016. A inclusão desses dois foi pensada apenas durante a produção, o que permitiu a exploração de outros aspectos do áudio, influenciada e impulsionada pelo surgimento e popularização da internet no mundo e no Brasil a partir dos anos 2000. Todas as entrevistas foram realizadas via Google Meet, já que cada um dos entrevistados estava em um lugar diferente do Brasil. Para a captação, utilizou-se a ferramenta de gravação presente no próprio Meet, que foi julgada suficiente para a realização do projeto.

A elaboração dos roteiros começou pouco antes do fim das entrevistas, e feita em etapas, um episódio por vez. Para a sua elaboração, realizou-se a decupagem de cada uma das entrevistas, separando as possíveis sonoras de cada um dos entrevistados, quase como uma “pré-seleção” delas. As locuções dos roteiros só foram escritas *após* a seleção das sonoras, levando em consideração - em primeiro lugar - as contribuições dos entrevistados: é possível dizer que o roteiro foi feito em volta das sonoras, e não o contrário, premissa importante para a produção jornalística. Revisados pela orientação tanto separados quanto em conjunto, os roteiros foram concluídos durante o mês de abril, com cronograma cumprido sem grandes problemas. Na primeira semana de maio, os estúdios de rádio da Universidade foram utilizados para a gravação da locução, ensaiada e gravada num único dia. Durante a elaboração também houve checagem de fatos, facilitada pelas expertises da orientadora - cujo doutorado está centrado no processo de migração AM-FM em Santa Catarina.

3.3 Pós-produção

Para a pós-produção, composta pela etapa de edição e mixagem do projeto, desde sempre foi considerada a colaboração de um técnico para prestação de serviço, diante da necessidade de uma edição mais completa em recursos sonoros. Com meu trabalho como *freelancer* para a Rádio Novelo, a oportunidade colocou-me em contato com uma das editoras do *Rádio Novelo Apresenta*, Mariana Leão. Com vasta experiência na edição de áudio, ela foi essencial para dar vida à *Rádio Metamorfose*, incrementando elementos do roteiro com novos efeitos sonoros e ajudando na seleção da trilha sonora do podcast, todo constituído de músicas sem direitos autorais.

Antes que ela pudesse trabalhar, fui responsável pela separação das sonoras em diferentes arquivos, utilizando as ferramentas de corte e seleção do programa *Audacity*, aprendidas durante a graduação, ou seja, a edição bruta foi realizada por mim. Também foi feito o mesmo processo para as locuções, em busca de facilitar o trabalho da editora responsável. A comunicação com Mariana foi eficiente, e o trabalho aconteceu como o esperado. A *Rádio Metarmofose* foi construída para e tem pretensões de ser disponibilizada via Spotify e também exibida na Rádio Unesp FM *após* a conclusão da banca. Por isso, por enquanto, os arquivos de áudio estão disponíveis apenas em um *link* do Google Drive, disponibilizado neste relatório.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

4.1 Público de Interesse

O projeto foi desenvolvido para a pessoa que escuta rádio no carro, no celular - e até mesmo as que não escutam, mas já escutaram e hoje consomem outro tipo de mídia sonora, como os podcasts. A ideia é que esse assunto, o da *troca do dial*, atinja outro público que não somente o acadêmico, já familiarizado com o tema, e isso inclui jornalistas e pessoas que tenham familiaridade com o trabalho em rádios ou na produção de podcasts. A partir do conhecimento de senso comum, o produto procura expandir a visão que o ouvinte tem sobre o funcionamento técnico e os bastidores da indústria radiofônica do país.

Diante da sua duração, de aproximadamente quarenta minutos, e do seu formato - o *podcast* - o programa também foi feito para ser ouvido num tempo razoável e que se encaixe no dia a dia do ouvinte, que pode escutar dirigindo, lavando louça, esperando o ônibus ou na academia, por exemplo. A duração menor também favorece que os três episódios sejam ouvidos em sequência, e também facilita que eles sejam consumidos em “pílulas” de aproximadamente 12 minutos cada - em busca de ofertar o produto para ser inserido na grade de programação da Rádio Unesp FM, rádio que comporta produções voltadas à divulgação científica.

4.2 Conteúdo

A *Rádio Metamorfose* é dividida em três episódios. O primeiro, intitulado *Na Crista da Onda*, contextualiza o surgimento da rádio no país - traçando uma trajetória histórica ao mesmo tempo que explica o que são as rádios AM e as FM - e como o surgimento de cada forma de transmissão se encaixa na linha do tempo do desenvolvimento radiofônico do Brasil. O episódio utiliza trechos de programações antigas para ilustrar essa passagem do tempo e também a força que o rádio já teve no país, principalmente durante as décadas de 40 e 50, em sua “Era de Ouro”. A introdução procura estimular o ouvinte a também escutar o episódio seguinte, focado na migração, ao colocar as duas principais pesquisadoras da migração AM-FM do país contando sobre a urgência de investigar esse assunto - narrando experiências pessoais vividas num congresso em que estiveram. Além das duas, o episódio também conta com outras duas fontes: os engenheiros André Cintra e Eduardo Cappia.

O episódio dois, intitulado *Um Novo Mundo*, explica o processo da troca de *dial* no

país, oferecendo as visões tanto das pesquisadoras quanto também do Governo Federal e dos engenheiros que acompanharam esse processo desde o início. O episódio também entra em pormenores, como a explicação do que é o FM Estendido, sua utilidade e o que foi feito para poder viabilizá-lo no Brasil - além do quão fundamental ele foi para a migração acontecer. Por fim, o episódio também procura apontar que esse não foi um processo livre de defeitos, apontando efeitos como a demora da implementação do FM e a falta de pessoal no Ministério das Comunicações para lidar com o grande volume de solicitações de mudança de *dial* pelo país. Também há um gancho para o próximo episódio, apontando as dificuldades das emissoras de rádio com a ascensão da internet e outros modelos de consumo.

O último episódio, chamado de *O Rádio em Expansão*, procura apresentar uma gama de novas formas de consumir mídia sonora, seja via webrádios, podcasts, rádios online e por aí vai. Além de apresentar esses formatos, o episódio também explora a dificuldade atual das empresas radiofônicas para lidarem com essa nova forma de fazer e consumir mídia sonora - e como muitas das emissoras acabam ficando para trás por não se adaptarem às demandas da última década. Outro elemento importante do episódio é a *plataformização*, exigida hoje das rádios que desejam ser relevantes não só no *dial*, mas também nas redes sociais e pela internet como um todo.

4.3 Edição e Mixagem

A edição e a mixagem também são parte fundamental do produto, e grandes responsáveis para que ele tivesse o efeito desejado. Os episódios contam com uma abertura personalizada que imita o sintonizar numa rádio AM, e também efeitos sonoros na locução que imitam como eram feitas à época. Além da abertura, a própria construção dos episódios é feita para parecer ao ouvinte que há alguém sintonizando nas sonoras, e até encontrando interferências no meio do caminho - com a utilização de som *surround*. Esses efeitos também são utilizados para dar ênfase em certos elementos, como nomes de obras importantes e trechos relevantes da narração. A esse respeito, Viana (2021) complementa:

Além de verificarmos que o processo de imersão está relacionado com as decisões e as estratégias de composição da narrativa sonora, vimos que tal experiência pode ser potencializada pelas plataformas digitais e pelas novas tecnologias. O uso do áudio binaural, por exemplo, proporciona camadas auditivas imersivas sobrepostas à realidade e reforça o objetivo da transposição espaço-tempo pelo ouvinte (Viana, p.17, 2021).

A trilha sonora escolhida é, principalmente, o *jazz*, que transita entre melodias mais atuais e mais antigas. Também foram utilizadas trilhas com teor investigativo, em busca de envolver o ouvinte no assunto. O recurso de pequenos respiros também foi utilizado para ritmar melhor o andamento dos episódios, e a narração mais interpretativa igualmente permitiu que o produto final ganhasse mais ludicidade, importante no desenvolvimento de podcasts narrativos.

4.4 Custos de Execução

O único custo de produção relevante deste projeto é o valor pago à editora de áudio, para que realizasse a mixagem e a sonorização do programa. O valor total foi de R\$500 pelo trabalho, acordado por ambas as partes com antecedência. Não foi gasto valor algum com viagens ou novos equipamentos: para concluir o trabalho, foram utilizados o meu computador pessoal, assim como meu celular e um headset bluetooth, já disponíveis anteriormente, além da estrutura disponibilizada pela UNESP para este tipo de produção nos estúdios de rádio da universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto jornalístico *Rádio Metamorfose* alcançou o objetivo de apresentar o tema da troca do *dial* no Brasil. O programa também se adequou ao formato de podcast narrativo, vencendo o meu desafio pessoal de desenvolver uma pauta que coubesse nesse formato - tanto em roteiro quanto em edição. O produto também contribui para a pesquisa em comunicação na medida que divulga pesquisas feitas *dentro* da universidade para *fora* dela - alcançando uma das principais missões do ensino superior público no Brasil: a de contribuir ativamente para a sociedade, e a de divulgar como essa contribuição acontece.

Um dos maiores desafios encontrados durante a produção foi a elaboração das perguntas aos entrevistados, que - na busca por obter respostas mais generalistas sobre o tema - evitaram entrar em profundidade, quando explorar melhor o conhecimento específico de cada uma das fontes poderia ter trazido um resultado mais único e diferenciado para o projeto. Outra dificuldade encontrada diz respeito ao contato com as fontes, dificuldade habitual do jornalismo, diante de conflitos de agenda, reunião em que um entrevistado não apareceu e falta de resposta de algumas possíveis fontes que acabaram não entrando no corte final.

Apesar disso, me surpreendi positivamente com o andamento do projeto, e com o conhecimento das fontes que entrevistei - que inevitavelmente me ajudaram a concluir o produto, principalmente diante das dicas valiosas das fontes Eduardo Cappia e Nair Prata, que acrescentaram muito ao trabalho final. A surpresa veio porque fui capaz de concluir o trabalho sem o auxílio de um grupo, como geralmente são feitos os Projetos Experimentais, o que foi essencial para demonstrar para mim minhas capacidades profissionais. Para mim, concluir o trabalho como planejado de início é uma grande vitória: ter iniciado a pré-produção do TCC no segundo semestre de 2024 foi essencial para que isso fosse possível, e para que não fossem encontradas dificuldades para a realização da proposta no tempo estipulado de um semestre letivo.

Reconheço também que unir a Iniciação Científica com o Trabalho de Conclusão de Curso foi um facilitador importante no desenvolvimento do trabalho - o que permitiu um maior apuro na informação - por meio do conhecimento vasto da orientadora sobre o tema -, além de contribuições para ambos os projetos, já que o material acadêmico utilizado na IC foi igualmente utilizado no TCC, apenas aproveitados de maneiras distintas. A temática da migração AM-FM não era minha opção inicial de trabalho, mas a partir desse facilitador pude

perceber a relevância desse processo para entender a indústria radiofônica no país - e o quanto essa solução, organizada pelo setor, foi inovadora e única no mundo. As pesquisadoras Nair e Nelia até mesmo reconhecem que implementar o rádio digital terrestre, hoje - como feito em outros países - seria ultrapassado. Possibilitar que mais pessoas saibam sobre esse tema, com tão pouca visibilidade fora do meio acadêmico, está entre as grandes realizações desse projeto.

Ser *freelancer* na Rádio Novelo significou ter acesso aos roteiros e episódios semanais do *Rádio Novelo Apresenta* e do *Fio da Meada* (dois programas da produtora) editados, o que também contribuiu para que este trabalho acontecesse como aconteceu: a possibilidade de realizar um *podcast narrativo* fez com que eu fosse mais atenta com o meu trabalho - ao realizar uma escuta ativa dos episódios e estudar a maneira com que os jornalistas da produtora organizam e produzem os roteiros que dão origem a eles. Isso tudo fez-me perceber, durante o processo, que a mídia sonora, na prática, vai muito além do rádio tradicional - e que grandes produções também podem ser feitas independente de estarem ou não no *dial*, ou atreladas a grandes conglomerados de mídia. Essa independência incentiva e promove uma maior criatividade - que pude exercitar durante o desenvolvimento da *Rádio Metamorfose*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315/3404>

CAMPOS, P. C. Gêneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista. *BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. 1, p. 01-15, 2009.

FARIAS, Karina Woehl de. DO AM PARA O FM: adaptações do radiojornalismo na migração de dial em Santa Catarina. 2020. *periodicos.ufop.br*

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. *RAEIC*, v. 5, n. 10, p. 73-80, 2018.

Disponível em: <https://www.revistaec.eu/index.php/raeic/article/view/148/153>

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 39, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2354revistas.intercom.org.br>

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241periodicos.uff.br>

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. *Comunicação Pública*, v. 16, n. 31, 2021.

ENTREVISTAS

CAPPIA, Eduardo. Entrevista concedida a Flora Vieira, abril 2025.

CINTRA, André. Entrevista concedida a Flora Vieira, abril 2025.

DEL BIANCO, Nelia. Entrevista concedida a Flora Vieira, abril 2025.

PIERANTI, Octavio Penna. Entrevista concedida a Flora Vieira, abril 2025.

PRADO, Magaly. Entrevista concedida a Flora Vieira, maio 2025.

PRATA, Nair. Entrevista concedida a Flora Vieira, abril 2025.

STARCK, Daniel. Entrevista concedida a Flora Vieira, maio 2025.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro

1) *Na Crista da Onda*

TEC: [barulho de frequência sintonizando, até chegar na estação correta]

LOC: [efeito de locução antiga de rádio] Opa, bom dia, boa tarde e boa noite! Meu nome é Flora Vieira, e você está sintonizado na *Rádio Metamorfose*, a minissérie que descomplica a rádio para você.

TEC: [barulhinho semelhante ao do RNA na hora dos intervalos, quando troca fita numa máquina de fita cassete]

LOC: [efeito de locução antiga de rádio] *Episódio um: Na Crista da Onda*

TEC: [barulhinho semelhante ao do RNA na hora dos intervalos, quando troca fita numa máquina de fita cassete]

SONORA: [00'16"] Nair: A gente estava lá num congresso em Brasília, quando nós começamos a ouvir os donos de emissoras de rádio falando do desespero deles com a AM, que a rádio não vendia mais publicidade, [...] que eles não tinham mais audiência.

LOC: Essa é a Nair Prata, pesquisadora em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, a UFOP.

SONORA: [00'16"] Nelia: Nós observamos, pelas falas dos rádios difusores, que havia um desespero, não é nem uma agonia, era um desespero dos radiodifusores que estavam no AM para que mudassem, porque essas emissoras estavam à beira de fecharem [...] as suas portas.

LOC: E essa, a Nelia Del Bianco, pesquisadora em Comunicação da Universidade de Brasília, a UnB.

SONORA: [00'13"] Nair: Um processo assim, interessantíssimo, né? Porque é o maior do mundo. No mundo não tem nada semelhante. Quando a gente fala isso, nos congressos internacionais que a gente conversa, as pessoas ficam assim: "Quê?".

LOC: As duas foram pioneiras no estudo sobre a troca de banda no rádio

brasileiro. Fizeram juntas o livro “*Migração do Rádio AM para o FM: Avaliação de Impacto e Desafios Frente à Convergência Tecnológica*”, em 2018. O título tenta dar conta de um processo que tinha começado alguns anos antes, lá em 2013. Mas, antes de chegar lá, a gente precisa voltar algumas décadas no tempo.

TEC: [00’19”] Rádio Nacional: E atenção ouvintes, vem aí para contar o que acontece em todos os quadrantes do mundo, o Correspondente Internacional!

LOC: A primeira transmissão de rádio no Brasil aconteceu em 1919, com a Rádio Clube de Pernambuco. A partir daí, várias emissoras foram pipocando pelo país, e o rádio foi ganhando força. Foi entre as décadas de quarenta e cinquenta que a rádio realmente chegou com tudo até a população brasileira, no que a gente convencionou chamar de A Era de Ouro do Rádio. Foi nessa época, por exemplo, que surgiram as *radionovelas*.

TEC: [0’11”] Jerônimo, o Herói do Sertão:

- Para que é que você mandou chamar a gente, Caveira?
- Eis o meu plano para matar Jerônimo!

LOC: O jornalismo também não ficou de fora. Um dos programas mais famosos da época, você já deve ter ouvido falar, foi o Repórter Esso, criado em 1941. Você já deve ter ouvido essa vinheta em algum lugar, em alguma data comemorativa por aí.

TEC: [0’14”] Repórter Esso: Aqui estão as manchetes de todo o mundo e as mais importantes notícias locais! O seu Repórter Esso lhe é oferecido pela Esso Brasileira de Petróleo, e pelo seu revendedor, Esso!

LOC: Essa popularização aconteceu durante o Estado Novo, do Getúlio Vargas. Uma delas foi a regulamentação da propaganda, que viabilizou comercialmente as rádios. O governo também facilitou o acesso a receptores para a população geral, que na época eram bem mais caros e maiores que os radinhos de pilha.

TEC: [0’22”] Plantão Repórter Esso: Amigo ouvinte, aqui fala o Repórter Esso, testemunha ocular da história! A rádio de Hamburgo [...] acaba de anunciar: O Fuhrer morreu! Terminou a guerra, terminou a guerra, terminou a guerra!

LOC: Desde o seu surgimento, o rádio enquanto invento funcionava em Amplitude Modulada, que é um jeito de transmitir som usando onda eletromagnética. O rádio praticamente nasceu funcionando assim. O AM foi, por muito tempo, a forma mais comum de se transmitir rádio e ainda é usado nos dias atuais, mas isso não significa que ele esteja 100%. Na verdade, ele tem uma série de problemas.

SONORA: [0'19"] Cintra: Então, e essas frequências, [...] elas são muito sujeitas a ruído, ao *man made noise*, assim. O ruído que tem [...] quando você liga um liquidificador, quando você tem uma descarga elétrica, a onda média, ela é muito sujeita a isso.

LOC: Esse é o André Cintra, e ele é engenheiro. O André também já foi da ABERT, a Associação Brasileira de Rádio e Televisão, uma associação importante para os empresários do ramo radiofônico.

SONORA: [0'18"] André: É um um sistema ruidoso altamente interferível, o AM, que gastava muita energia, transmissores muito caros, que exigia uma manutenção muito grande. [...] Então você também não tinha como transmitir música de forma [...] adequada [...] no AM, entendeu?

LOC: Conforme as cidades foram crescendo, essa interferência foi ficando cada vez maior, e ficou difícil escutar o AM, principalmente nos grandes centros. Foi a partir de 1955, com a criação da Rádio Imprensa, que o Brasil começou a explorar um novo modelo de negócio: as rádios em Frequência Modulada, o FM.

SONORA: [0'14"] André: O FM, olhando de outra forma, são frequências mais altas, né? E a informação está na variação de frequência, você varia a frequência daqui para lá e de lá para cá.

LOC: E o FM, pelo tipo de transmissão diferente, gera muito menos ruído que o AM. Isso sem contar na facilidade que é o FM ter um sinal que sai do alto de uma antena - e não do chão - como é o caso dos AMs.

SONORA: [0'23"] André: O AM tinha, vamos dizer, a vantagem de você botar no chão. Mas não é bem uma vantagem, porque os AMs, eles ficavam geralmente nos subúrbios das cidades. E [...] as antenas ocupam uma área enorme, entendeu? E o FM, geralmente, ele precisa estar no alto do morro, lá naquele no ponto culminante. [...] Então, ele é muito menos ruidoso.

LOC: Lá pela década de 70, a Ditadura Militar brasileira viu potencial nas FMs, e fez um processo parecido com o do Vargas um tempo antes. Ela incentivou a criação de novas estações em FM e barateou os receptores - que agora já pareciam mais com os radinhos de pilha - além de ter investido também em novas antenas. Tudo isso, claro, com o objetivo de fazer a informação - e a propaganda - continuarem a chegar na casa das pessoas.

[respirinho]

Isso fez com que as duas formas de ouvir rádio, tanto AM quanto FM, estivessem

disponíveis ao mesmo tempo. Mas, o tempo foi passando, e pela qualidade que o FM tem, a luta ficou um pouquinho desigual - e as emissoras em AM foram ficando para trás. O século XXI chegou, e com ele esses problemas se agravaram: foi por isso que a Nélia e a Nair ouviram os radiodifusores tão desesperados naquele congresso.

SONORA: [0'12"] Nair: Essa pesquisa que eu e a Nélia coordenamos, [...] a gente tinha informes da ABERT, do Ministério das Comunicações [...], tinha essas coisas, mas um trabalho organizado até então a gente não tinha.

SONORA: [0'8"] Nélia: O nosso estudo é pioneiro. Nós vimos ali um potencial de uma avaliação que ninguém estava mirando e observando naquele momento.

LOC: Para resolver o problema, o governo apostou na ideia da migração AM-FM, que dá nome ao livro das duas.

SONORA: [0'5"] Nair: Olha, eu acho que a migração, ela é um gás, sabe? Na sobrevivência do rádio.

SONORA: [0'4"] Nélia: um serviço importante foi prestado ao país.

LOC: A ideia foi transformar aquelas rádios que ainda funcionavam em AM todas em FM. Mas esse processo não foi fácil, e envolveu uma colaboração entre o governo e os empresários. Uma das associações que trabalhou junto do governo foi a ABERT, aquela do André Cintra. Mas essa coordenação também precisou de apoio regional.

SONORA: [0'15"] A migração, ela foi para atender o anseio do radiodifusor da empresa de comunicação de onda média, que vinha sendo tolhida, vinha sendo detonada pelas interferências radioelétricoindustriais.

LOC: Esse é o Eduardo Cappia, e ele faz parte da Associação das Emissoras Rádio e Televisão do Estado de São Paulo, a AESP. Essas associações juntam os empresários de cada estado, e cada um tem a sua. [efeito de locução antiga de rádio] Você vai ouvir mais do Eduardo na sequência, e a *Rádio Metamorfose* vai destrinchar todo esse processo pra você no episódio dois: *Um Novo Mundo!* Eu espero você lá!

Ei, muito obrigada por ter ouvido até aqui!

Nesse episódio, você ouviu as vozes de Nair Prata, Nélia Del Bianco, André Cintra e Eduardo Cappia.

Também utilizamos trechos da programação da Rádio Nacional, do Repórter Esso e da radionovela "Jerônimo: o Herói do Sertão".

A idealização, roteiro, produção e narração são da Flora Vieira, euzinha, e a edição e a mixagem são da Mariana Leão.

O programa Rádio Metamorfose foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso para a graduação de Jornalismo da UNESP, em Bauru. A orientação geral é da professora Karina Farias.

2) Um Novo Mundo

TEC: [barulho de frequência sintonizando, até chegar na estação correta]

LOC: [efeito de locução antiga de rádio] Opa, bom dia, boa tarde e boa noite! Meu nome é Flora Vieira, e você está sintonizado na *Rádio Metamorfose*, a minissérie que descomplica o rádio para você.

TEC: [barulhinho semelhante ao do RNA na hora dos intervalos, quando troca fita numa máquina de fita cassete]

LOC: [efeito de locução antiga de rádio] *Episódio dois: Um Novo Mundo.*

TEC: [barulhinho semelhante ao do RNA na hora dos intervalos, quando troca fita numa máquina de fita cassete]

LOC: Como você viu no episódio passado, bem, chegou um momento em que o rádio AM não se sustentava mais no país.

SONORA: [0'11"] Nair: Sem faturamento, publicidade barata, sem audiência, sem saber para onde ir, com o produto que não tinha mais espaço no mercado.

LOC: Essa é, de novo, a Nair Prata, pesquisadora da Federal de Ouro Preto.

SONORA: [0'8"] Nair: É igual quando, sei lá, a pessoa fabrica um eletrodoméstico que ninguém usa mais. Sabe? [...] Você vai fazer o quê com aquilo?

LOC: Nessa altura, por mais que o rádio tivesse surgido com o AM e feito um sucesso enorme no século vinte, a gente já tava no século vinte e um. Não tinha mais espaço pra ruído e interferência.

SONORA: [0'18"] Nélia: A migração, ela é simplesmente você fazer com que emissoras que estão numa frequência AM, [...] migrem para uma outra frequência, onde o som é mais estável, limpo, estéril, embora seja de menor alcance.

LOC: Essa é a Nelia Del Bianco, pesquisadora da Universidade de Brasília, e você já ouviu ela por aqui antes. O FM, como ela diz, tem um alcance menor que

o AM, mas, ainda assim, as qualidades são infinitamente maiores. E, com a urbanização, o AM já era sujeito a tanta interferência que, na prática, o alcance dele já estava bastante reduzido.

SONORA: [0'21"] Nélia: Ela perdeu em alcance, mas ganhou um espaço de maior visibilidade, porque os carros no Brasil, na sua grande maioria, têm uma frequência FM. No celular, a frequência que pode ser captada sem consumo de dados é a FM.

LOC: E o Brasil estava ficando atrasado. No mundo, o AM já não era tão utilizado assim, o que deixava todo o processo mais caro para as emissoras que ainda apostavam na onda média. E além de tudo...

SONORA: [0'11"] Octavio: Era uma operação cara [...] porque como ele opera com uma potência maior [...] do que uma estação de FM, por exemplo, ele consome mais energia, então já tem um custo operacional fixo maior no dia a dia.

LOC: Esse é o Octavio Pieranti. Além de pesquisador na área, ele também já fez parte do Ministério das Comunicações do Governo Federal, e acompanhou esse processo bem de perto.

SONORA: [0'7"] Octavio: Nessa época, especificamente [...] eu era diretor do departamento de acompanhamento e avaliação da Secretaria de Comunicação Eletrônica.

LOC: Então, estava na hora de mudar. Menos ruído, mais barato, tudo de bom. Mas ainda faltava uma coisinha:

SONORA: [0'11"] Octavio: Naquele momento, o Ministério das Comunicações, entendeu que essa seria uma alternativa viável. Foram feitos estudos preliminares que verificaram que isso seria possível [...] desde que considerado uma faixa de FM estendida.

LOC: Uma faixa de FM estendida. Basicamente, tinha tanta emissora AM no país que não dava para encaixar todo mundo na faixa comum, que vai de 88 a 108mhz. Para tornar isso viável, o governo contou com a ajuda de gente que sabia mexer com o espectro: os engenheiros.

SONORA: [0'9"] Eduardo: O papel [...] do profissional de engenharia é cuidar de que não haja superposição espectral, que as emissoras possam operar regularmente.

LOC: Esse é o Eduardo Cappia, engenheiro diretor da AESP, a Associação das

Emissoras de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo. Sobreposição espectral é basicamente você não poder colocar duas rádios numa mesma frequência ao mesmo tempo. Isso porque, uma emissora não pode ficar em cima da outra, imagina sintonizar numa estação e ouvir outra por cima? Daí, era só convencer os empresários que a empreitada podia dar certo. O que, diante da derrocada do AM, não foi uma tarefa tão difícil, né?

[respirinho]

Com tudo ajeitadinho, só faltava um decreto presidencial que autorizasse a migração. E ele veio em 2013, assinado pela presidenta da época, a Dilma Rousseff.

TEC: [0'18"] Discurso da Dilma Decreto: Os AMs são um verdadeiro patrimônio do Brasil. Por isso, é importante que o Estado crie condições para que continuem prestando seus serviços e se adaptem às mudanças na tecnologia e no mercado das comunicações.

SONORA: [0'10"] Octavio: A partir dali, todas as emissoras de AM [...] puderam solicitar essa migração [...] e esses processos começaram a tramitar no Ministério das Comunicações, e estão tramitando até hoje.

LOC: Nessa época, o Ministério das Comunicações e a Agência Nacional de Comunicações, a ANATEL, também trabalhavam com a digitalização da TV. Esse processo já estava mais avançado que a migração, e logo a televisão analógica ia dar lugar para a digital. Se você não se lembra, o FM é um sinal analógico, então a ideia era a seguinte: desligar o sinal analógico da televisão e usar a mesma faixa para transmitir, em vez de a imagem, o som. Bingo: aí é que ia se encaixar o tal FM estendido.

SONORA: [0'15"] Octavio: O governo estava numa situação de administrar tanto a digitalização da televisão quanto a migração AM-FM [...], e aí [...] era necessário terminar o processo de digitalização, liberar uma faixa de frequência, [...] para daí sim [...] poder entrar em operação as emissoras na nova faixa de FM.

LOC: Além do Eduardo, um dos engenheiros mais importantes pra esse processo foi o André Cintra, que você já ouviu por aqui. Ele fazia parte da Associação Brasileira de Rádio e Televisão do país, a ABERT.

SONORA: [0'14"] André: Quando [...] você tem o espectro todo de FM, [...] você tinha que conseguir colocar rádios FM em novas frequências [...] que não interferissem nas rádios existentes, entendeu?

LOC: A tal “sobreposição espectral”. A substituição da televisão analógica pela digital abriu caminho para que ela não acontecesse, e fez com que o FM ganhasse mais espaço, começando em 76mhz em vez dos 88 convencionais.

SONORA: [0’15’] Octavio: O principal objetivo era esse: manter o ecossistema de comunicação funcionando. Essa foi a solução [...] tecnológica possível naquele momento, então, ela permitiu essa migração, né? Se não fosse ela, a migração não teria ocorrido.

LOC: Bem... mas e agora? A primeira emissora que conseguiu migrar foi a Rádio Progresso, em Juazeiro do Norte, no Ceará. Isso nove anos atrás, em 2016. E, ao que parece, esse processo agradou bastante o mercado de rádios comerciais.

SONORA: [0’20’] Cappia: Falando em Progresso, esse foi um processo exitoso porque eles entraram no mercado competitivo já estabelecido. Inclusive, [...] no começo do processo, os radiodifusores de FM não ficaram muito contentes [...] porque passaram a encontrar naquela localidade mais quatro ou cinco concorrentes.

LOC: Tá... os radiodifusores do AM, pelo menos, ficaram felizes.

SONORA: [0’20’] Nelia: O FM se consolidou como um rádio de boa qualidade por ser estéreo e não sujeito a ruídos e interferências, um serviço importante foi prestado ao país. As emissoras que estavam quase fechando as portas conseguiram um tempo de sobrevida no FM, principalmente no interior.

SONORA: [0’12’] Octavio: O que a gente vê hoje é que de fato, grande parte das emissoras migrou e continua em funcionamento. A outra dúvida [...] era [...] se esses ouvintes migrariam também para a faixa de FM: fato é que as pessoas migraram e continuaram ouvindo as suas emissoras de preferência.

SONORA: [0’20’] Cappia: Eu acho que isso foi benéfico a todos porque [...] ficou muito mais fácil no FM de fazer integração com a plataforma digital, porque há qualidade já da geração do áudio, e aí veio o vídeo. [...] Isso trouxe uma qualidade que muitos dos radiodifusores ligavam agradecendo quando migraram, né?

LOC: Uma maior qualidade no áudio e uma maior facilidade de integração com outras plataformas fez com que o rádio FM voltasse a ser forte bem rapidamente. O mercado voltou a ficar movimentado, e o Brasil aos poucos substituiu as AMs pelas FMs. A migração AM-FM cumpriu o que prometeu, e modernizou as emissoras.

[respirinho]

Isso não significa que o processo não teve problemas. Ele começou em 2016, e grande parte das rádios do país já migraram, mas não todas. Das mais de 1400 emissoras pelo país que pediram para migrar lá em 2013, migraram mais ou menos 1330 até 2024, então dá para dizer sem medo que a migração atrasou mais do que devia.

SONORA: [0'11"] Octavio: Seja fatores relacionadas à própria tramitação processual [...], falta de pessoal no ministério para analisar os processos, eventualmente dificuldade das emissoras em pagar o que fosse o que fosse devido, e por aí vai.

LOC: Lembra do FM estendido e da tal “sobreposição espectral”? A solução acabou levando mais tempo para ser implementada, o que também atrasou a coisa toda.

SONORA: [0'17"] Cappia: A faixa estendida hoje tem mais de 40 emissoras no ar [...] e mesmo assim tem-se feito de tudo para migrar para o convencional, mesmo admitindo interferências. Os que reclamam são alguns que foram para a faixa estendida e reclamam da falta de receptores.

LOC: A falta de receptores que aceitam a faixa estendida, no caso. Como é que as pessoas vão ouvir do 76 aos 88mhz se os carros ou os celulares não alcançam essa faixa? E aí, se não tem audiência, não tem publicidade. E então...

SONORA: [0'16"] Cintra: Eu já ouço pessoas me ligarem assim: “ah, eu queria arranjar um canal para mim, [...] mas eu queria um canal na faixa convencional, piriri, pororó” [...] Eu digo, cara, não tem espectro, não tem, mas vai para faixa estendida. “Ah, não, faixa estendida eu não quero”, entendeu?

LOC: Essa realidade começou a mudar só em 2019, quando o governo federal emitiu um novo decreto, dessa vez obrigando as montadoras a fazerem os carros já com receptores mais novos.

SONORA: [0'14"] Cappia: Orientava a indústria a produzir os receptores no país com a faixa estendida. [...] A maioria no começo não obedeceu, e depois foi obedecendo e hoje a indústria automobilística [...] tem feito isso muito tranquilamente.

LOC: O FM estendido não foi a única adaptação pela qual os radiodifusores tiveram que passar. Outra mudança importante, e que os atingiu em cheio, foi a internet. Mais especificamente as redes sociais.

SONORA: [0'3"] Cappia: Qual o fantasma de plantão agora? A mídia social.

SONORA: [0'3"] Nair: Hoje o que não está no telefone celular, não tem existência.

SONORA: [0'5"] Nelia: Não desconheça o potencial do YouTube na transmissão de alguns programas.

LOC: [efeito de locução antiga de rádio] A rádio migrada encontra mais um desafio: o de se integrar às novas plataformas. Mas isso fica para o último episódio da *Rádio Metamorfose: O Rádio em Expansão*. Até lá!

Muito obrigada por ter ouvido até aqui!

Nesse episódio, você ouviu as vozes de Nair Prata, Nélia Del Bianco, André Cintra, Eduardo Cappia e Octavio Penna Pieranti. Também utilizamos trechos do discurso em que a presidente Dilma apresenta o decreto que permitiu a migração. A idealização, roteiro, produção e narração são da Flora Vieira, euzinha, e a edição e a mixagem são da Mariana Leão.

O programa Rádio Metamorfose foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso para a graduação de Jornalismo da UNESP, em Bauru. A orientação geral é da professora Karina Farias.

3) O Rádio em Expansão

TEC: [barulho de frequência sintonizando, até chegar na estação correta]

LOC: [efeito de locução antiga de rádio] Opa, bom dia, boa tarde e boa noite! Meu nome é Flora Vieira, e você está sintonizado na *Rádio Metamorfose*, a minissérie que descomplica o rádio para você.

TEC: [barulhinho semelhante ao do RNA na hora dos intervalos, quando troca fita numa máquina de fita cassete]

LOC: [efeito de locução antiga de rádio] *Episódio três: O Rádio em Expansão*.

TEC: [barulhinho semelhante ao do RNA na hora dos intervalos, quando troca fita numa máquina de fita cassete]

SONORA: [0'30"] Nair: Então, esse conceito "ouvir rádio", [...] ele é um conceito estendido, né? Porque não é aquele modelo de gente que liga o rádio, no dial, sintoniza uma emissora e escuta, como a gente entendia isso há uns 30 anos. Mas é ressignificado. Então, há várias formas de ouvir rádio. Não apenas o que se entende ouvir no dial, sintonizar uma frequência.

LOC: Essa, você já ouviu por aqui, é a Nair Prata, pesquisadora em comunicação na UFOP. Além de estudar a migração AM-FM - que eu te contei mais o que é no episódio passado - ela também estuda a rádio no *presente*.

SONORA: [0'20"] Nair: Hoje, por exemplo, nós temos o rádio multiplataforma, que é o quê? Nós temos o rádio que eu escuto aqui pelo celular, eu tenho o meu aparelho de rádio ali na sala que eu sintonizo uma frequência no dial [...], eu tenho rádio por aplicativo, eu tenho os aplicativos aqui no meu celular que eu acesso.

LOC: Essa facilidade em escutar rádio de qualquer lugar também criou vários agregadores de rádios, em que você consegue ouvir rádios de boa parte do mundo - só que da sala de casa. Quem acompanha essas mudanças muito de perto é o portal Tudoradio.com.

SONORA: [0'16"] Daniel: o Tudo Rádio surgiu em 2001, quando a internet era bem discada ainda, né? A gente segue o mercado de rádio, a indústria de rádio, sobre tendências, o que acontece no meio, não só movimentação das emissoras, mas tendência ao digital, streaming, etc.

LOC: Esse é o Daniel Starck, criador e diretor do site. O Daniel é também jornalista, e teve a ideia de criar o site e fazer um *mapa* das rádios brasileiras.

SONORA: [0'17"] Daniel: Então, tem os dials, [...] a guia de rádios, né, que você vê o sinal por por região e por cidade. E aí misturando com a internet, né, porque você clica na rádio e aparece o player, né? Então, assim, sempre foi essa ideia de fazer o mapa do rádio, né? Tudo que tem do rádio brasileiro a gente quis catalogar e organizar.

LOC: Para isso, o Daniel precisou montar uma equipe. Mas ele também conta com ajuda de muita gente de vários lugares do Brasil, que informam ele sobre qualquer mudança de mercado.

SONORA: [0'16"] Daniel: Porque é bem passo a passo para... bem resiliente, né? Igual a a cara do rádio, né? Essa resiliência no digital. E ao mesmo tempo, o que é grande na nossa parte é a base de colaboradores. A gente tem uma base aí de pelo menos 500 usuários que colaboram ativamente.

LOC: O Tudoradio também teve um papel bastante importante na cobertura da migração AM-FM por aqui, e tem até uma seçãozinha no site que faz o mapeamento diário das rádios que migram, com o nome, a região e a frequência em que elas estão inseridas.

SONORA: [0'16"] Daniel: Tudo que acontecesse com o rádio, se ele fosse para digital via ondas terrestres, ia fazer a mesma coisa. Então, a gente ia acompanhar o processo passo a passo [...] quais são os pontos positivos e negativos dela. [...] Então, assim, era natural [...] acompanhar a migração com uma lupa.

LOC: O “digital via ondas terrestres”, que ele menciona aqui, é a forma que outras regiões - como os Estados Unidos e a Europa - adotaram para modernizar o rádio por lá. Por aqui, a gente escolheu migrar para o FM, mesmo.

SONORA: [0'13"] Nelia: a digitalização ela não aconteceu no Brasil. Os testes [...] mostravam que os formatos [...] não garantiam a mesma abrangência, o mesmo das emissoras de rádio com a frequência que elas têm hoje.

LOC: Essa é, mais uma vez, a Nelia Del Bianco, pesquisadora em Comunicação na UnB, a Universidade de Brasília. Além disso, para a época, o processo de digitalização sairia bem mais caro, o que não agradava donos de rádio e o setor como um todo.

SONORA: [0'12"] Cappia: porque representaria investir muito mais dinheiro do que uma própria migração em FM, que já era conhecida. [...] Seria menos traumático do que adquirir no receptor a faixa estendida.

LOC: A faixa estendida, você também aprendeu o que é no episódio passado. Voltando para o digital... então porque não fazer essa mudança hoje, em 2025?

SONORA: [0'26"] Nair: O rádio digital precisa de um aparelho para ouvir o rádio digital. Você não tem condição de ouvir o rádio digital no aparelho de rádio comum. As pessoas hoje não tem o aparelho de rádio comum mais em casa. Então assim, é, é, o que se falava do rádio digital era assim, o slogan era esse: AM com som de FM e FM com som de CD. Hoje a gente não tem AM. Não tem CD. [risos]

LOC: As várias possibilidades de ouvir rádio, seja dentro do carro ou por um aplicativo no celular, também não precisam *necessariamente* de um aparelho. Então fazer toda essa troca nessa altura do campeonato é visto por alguns pesquisadores e o pessoal do setor como um alto investimento.

SONORA: [0'21"] Daniel: A gente serve as pessoas e elas estão cada vez mais conectadas e ambientes estão cada vez mais conectados, inclusive onde é bastião do rádio, como o carro, como.... o próprio celular é um grande receptor em potencial, seja ele stream ou com o chip FM. Ele é basicamente uma extensão do corpo das pessoas, a gente nunca teve tantos dispositivos na nossa mão.

LOC: Não só a forma de *ouvir* rádio evoluiu. A forma de *produzir* rádio também mudou.

SONORA: [0'20"] Magaly: Se a rádio está na internet, ela tem a grande vantagem de que qualquer pessoa pode acabar montando uma rádio, uma programação e essa pessoa, ela não precisa ter especialidade, né? Ela não precisa ser uma uma pessoa que é profissional de rádio. Uma pessoa que entenda de internet, ela consegue colocar no ar uma programação.

LOC: Quem você ouviu foi a Magaly Prado, pesquisadora em Comunicação formada pela PUC de São Paulo. Ela estuda, entre outras coisas, essa interação do rádio com a internet. Outra possibilidade que se abriu com a internet foi a produção de *audiocasts*, ou, para os mais chegados, os *podcasts*.

SONORA: [0'17"] Magaly: Lá em 2004, tal, quando surgiu, a gente falava podcast, muita gente não sabia o que era. [...] eu falava: "Vamos fazer então podcast". "Ah, mas a gente não tem o aparelhinho branco". [...] Então o pessoal fazia uma relação podcast com o aparelhinho da Apple. O iPod.

LOC: É, o iPod! Aquele aparelhinho da Apple que tinha virado febre naquele ponto. Então, se você ouvir a Magaly falando em *audiocast*, fique sabendo que são sinônimos! O *podcast* trouxe a possibilidade de deixar um programa *gravado*, sem que ele ficasse preso a uma grade de uma rádio tradicional. Não só isso: ele é um produto *por si só*.

SONORA: [0'23"] Nelia: O rádio não entendeu ainda que o podcast não é é a reprodução apenas de trechos de sua programação. Podcast é uma criação original, diferenciada. O podcast não é uma reprodução de áudio dos documentários que ele faz, é um reempacotamento, uma nova edição, uma nova linguagem adaptada à linguagem do podcast.

SONORA: [0'18"] Magaly: Você estando com a possibilidade de ouvir, re-ouvir, ouvir várias vezes quantas você quiser, e a qualquer horário, em qualquer momento, mandar para outra pessoa, compartilhar, tudo. Isso tudo faz parte [...] das características de ser, né, um audiocast.

LOC: Toda essa novidade trouxe uma dificuldade enorme para as emissoras de rádio tradicionais. Em alguns anos, elas tiveram que aprender não só o que diabos é um podcast, mas também usar as redes sociais - o Instagram, o Facebook, o Youtube - como parte da sua programação. As rádios tiveram que formar um *ecossistema*, também presente na internet. A isso a gente deu o nome de *plataformização*.

SONORA: [0'18"] Nelia: Ela é uma plataforma e você tem que entender o seu conteúdo dentro do conceito da plataformização. Isso tem que fazer com que as emissoras renovem seus quadros. Tragam o dinamismo da internet para dentro das equipes. Porque o rádio hoje não é só o áudio transmitido em tempo real.

LOC: Hoje em dia, a gente escuta uma rádio *integrada*. O *podcast* é considerado uma espécie de primo do rádio, então, se você lava louça escutando as fofocas do *Não Inviabilize*, o jornalismo do *Foro de Teresina* ou as histórias do *Rádio Novelo Apresenta*, você tem que agradecer ao rádio por isso.

SONORA: [0'14"] Magaly: É, eu acho que é tudo áudio, né? Porque escutar uma rádio, uma estação, [...] é áudio. [...] Você escutar só um audiocast, ele não ele não tem tanto as características de uma rádio, porque não está em fluxo, só por isso também.

LOC: O que as emissoras tradicionais mais adaptadas estão fazendo é disponibilizar esse conteúdo não só na rádio tradicional, mas em formato de documentários, podcasts, vídeos no youtube... e tudo isso conectado a um site.

SONORA: [0'16"] Nelia: O que faz, por exemplo, o Globoplay? O Globoplay tem uma produção enorme de podcasts que deriva em parte de documentários, de produtos que ele faz para televisão e dá uma continuidade. Isso é que é a integração da mídia tradicional com o podcast.

LOC: A rádio se transforma e segue viva e pujante, por mais que toda vez alguém tente matá-la. Seja quando surgiu a televisão, ou com a internet.

SONORA: [0'17"] Magaly: Eu acho que nunca vai morrer, todo mundo mata a rádio, ah vai acabar, vai acabar, eu acho que nunca vai morrer. E rádio, você está regando planta no quintal, você está ouvindo rádio. Então, você pode fazer outras coisas. Você está fazendo comida, você está ouvindo rádio. Não dá para você ficar ali fazendo comida e ao mesmo tempo ver um vídeo.

SONORA: [0'19"] Daniel: E a gente cansou de falar da morte do rádio e é impressionante como ela nunca chega. Até porque é um veículo que se adapta. Então, ele tem que mostrar mais essa adaptação. Mostrar mais que ele é digital por causa do streaming. Mostrar mais que está muito presente no dia a dia da população e acompanha as pessoas onde ela estão, e ele é um reflexo da população também.

LOC: A *Rádio Metamorfose*, que você está ouvindo agora, dava facilmente para ser colocada numa rádio e transmitida em tempo real. Ou no Spotify, Google

Podcasts, Amazon Podcasts, ou qualquer plataforma de streaming de áudio que você conheça por aí. A mídia sonora é *versátil* e persistente. O que falta são as empresas entenderem isso. E não é por falta de tentativa.

SONORA: [0'26"] Nelia: As emissoras de rádio [...] estão tentando se adaptar a esse universo, mas com muitas dificuldades, por que? Equipes pequenas, às vezes equipes que não estão familiarizadas com essa nova linguagem, e equipes que não entenderam ainda a lógica de convergência do rádio com as plataformas. Pense numa dificuldade dos funcionários entenderem que a lógica é outra. O processo de integração é muito difícil.

LOC: Mas, quem consegue, vê que esse é mesmo o caminho.

SONORA: [0'18"] Nelia: Agora, não desconheça o potencial do YouTube na transmissão de alguns programas. [...] Programas transmitidos ao vivo, programas até de 4 horas de duração são transmitidos pelo rádio e pelo YouTube. Pode olhar que eles têm uma audiência muito interessante pelo YouTube, e que não é desprezível.

LOC: Pois é! Você já deve ter ouvido por aí o *Flow Podcast*, o *PodPah* ou coisa parecida. É disso que a Nelia está falando, dos *videocasts*, programas que são gravados em vídeo mas que usam o visual só como um apoio para o áudio. Outra invenção dos novos tempos.

SONORA: [0'20"] Nair: Para além da transmissão sonora, tem a transmissão no vídeo, tem a transmissão textual, que é nos sites, nas redes sociais. Então, se aproveita de todas as linguagens. Não fica restrito a uma. Isso é radiomorfose. É se resignificar. A forma de ouvir está sendo resignificada.

LOC: [inserir música para finalização] Isso é a radiomorfose. É a metamorfose da rádio, que dá título a esse programa. O rádio é um meio que continua forte - e que tem um futuro enorme pela frente se depender de todas essas mudanças e inovações. Seja no podcast, no FM ou no Youtube, ela vai continuar existindo, e vai continuar a se adaptar aos nossos ouvidos.

[respirinho]

LOC: Diferente da rádio, uma hora esse programa ia ter que terminar. Muita coisa ainda ficou de fora, e pode até ser que agora mesmo esteja surgindo uma forma nova de consumir mídia sonora, enquanto você está ouvindo isso aqui. Também dá para você se aprofundar no assunto, com todas as referências que eu deixei na descrição dos episódios - sejam artigos, livros ou links da internet. Vale a pena!

[efeito de locução antiga de rádio] Bom dia, boa tarde e boa noite! Meu nome é Flora Vieira, e eu agradeço pelo seu tempo - e os seus ouvidos. Qualquer dúvida ou elogio, você pode deixar aí nos comentários do Spotify, que eu vou adorar saber. Um beijo, e obrigada! Essa foi a Rádio Metamorfose, a minissérie que descomplicou a rádio para você.

Nesse episódio, você ouviu as vozes de Nair Prata, Nélia Del Bianco, Eduardo Cappia, Magaly Prado e Daniel Starck.

A idealização, roteiro, produção e narração são da Flora Vieira, euzinha, e a edição e a mixagem são da Mariana Leão.

O programa Rádio Metamorfose foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso para a graduação de Jornalismo da UNESP, em Bauru. A orientação geral é da professora Karina Farias.